CRÔNICA



Ricardo Pedreira • *ricardobpedreira@gmail.com*

Theresinha



Bigode estava começando a faxina mensal que realiza muito a contragosto no seu botequim quando Therezinha chegou.

O Bar do Bigode, escondido atrás de uma comercial da Asa Norte, não é propriamente um primor de higiene. Mas Therezinha, assim como todos nós assíduos do estabelecimento, não se importa com esse detalhe. Ali a cerveja está sempre gelada e o papo costuma ser ótimo.

Era um sábado quente e a nossa musa foi a primeira cliente a chegar. É consenso que ela se parece com a Camila Pitanga. "Funcionária concursada do Senado", como faz questão de dizer, é jovem senhora que deve estar próxima dos cinquenta. Geralmente vai ao bar quando deixa seu cachorrinho para ser banhado e paparicado na loja de pet vizinha (o au-au tem até plano de saúde!). Mas dessa vez queria mesmo é molhar a garganta.

— Calor horrível, Bigode!

O dono da bodega grunhiu qualquer coisa em resposta, como é do seu feitio.

— Deixa de ser mal-humorado, homem! Fale direito, pelo menos me dê um bom dia.

— Desculpa, Therezinha. É que estou concentrado aqui na limpeza.

Chamar de limpeza aquela atividade é evidente exagero. Bigode varre um pouquinho e pronto. "Não vou descaracterizar o ambiente", argumentou certa vez.

Nesta breve função, ele sempre é muito cuidadoso com a baratas, que têm ali um verdadeiro lar. Lideradas por Clarice Lispector, a veterana da turma, elas se retiram para um cantinho que Bigode respeita, e aguardam quietas e pacientes.

Therezinha foi direto ao freezer e pegou uma latinha da sua marca preferida. Como abre um freezer com graça, a danada!

Logo que iluminou pela primeira vez o Bar do Bigode com sua presença, ela teve o cuidado de dizer que namora firme um colega do Senado. Deixou a informação no ar, como que por acaso, mas estava na cara que pretendia traçar uma linha vermelha de segurança.

Muitos duvidavam desse namoro, pois Therezinha nunca havia passado pelo boteco com o sortudo. Chegava sozinha e não demorava muito. Abria aquele sorriso lindo, tomava uma cerveja, conversava um pouco e seguia seu caminho puxando o cachorrinho e nossos olhares.

Pois no sábado calorento em que Bigode fazia sua faxina relâmpago, Therezinha não saiu logo. Eu já havia chegado e cumprimentado os outros que estavam por lá, quando ela anunciou:

— Hoje vocês vão conhecer o Olavo.

Foi quase um coro de espanto:

— Seu namorado?

— Ele mesmo, o Lalá.

Não demorou muito para o cara chegar. Sujeito absolutamente normal, longe do galã que alguns imaginavam. Deu um selinho na moça, cumprimentou todos com um simpático "bom dia, pessoal!" e foi direto ao freezer pegar sua cerveja. Parecia um veterano. Alguns amarraram a cara.

Em pouco tempo estava conversando com a gente e amolecendo os mais reticentes. Começou perguntando quem era ali o Embaixador, pois queria parabenizá-lo pela ascensão do Gama à Série C. Embaixador, que tem esse apelido porque foi garçom no Itamaraty durante 40 anos, é torcedor fanático do Verdão. E assim o rapaz foi comendo pelas beiradas, conquistando um por um.

O resultado é que o Lalá virou freguês do Bar do Bigode. Mas logo, como que por encanto, a Therezinha sumiu.

No final de semana passado, Bigode me confidenciou que o namoro havia terminado. Tratei logo de espalhar a boa nova. Já não estávamos mesmo gostando do papo do Lalá e também culpando-o pelo sumiço da moça. As hostilidades cresceram, ele se mancou e nunca mais vimos o cara.

Num dia de chuva forte, Therezinha reapareceu, cheia de charme, cabelo molhado. Uma deusa!

— Estavam com saudades?

O aguaceiro parou e o sol brilhou radiante. Embaixador foi direto ao ponto:

— Deus é pai!

Saudamos o glorioso momento com uma salva de palmas.

Nunca soubemos o que aconteceu. E nem queremos saber. Tem coisas que não se explicam e ficam melhores assim.